

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Vera Maria. *Museu e Educação: se faz o caminho ao andar*. Tese de doutorado apresentado programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO no ano de 1987.

ALMEIDA NETO, A. S. *Dimensão utópica nas representações sobre o ensino de História: memórias de professores*. 2002. 310p. Tese (Doutorado em Historiografia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, SP.

ALVES, Denise & PERALVA, Leide Marques. *Olhar perceptivo. Teoria e prática de Sensopercepção em Educação Ambiental*. Brasília. IBAMA. 2010.

ANDRÊ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília. Líber Livro Editora, 2005.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Os confrontos de uma disciplina escolar: da História sagrada à História profana*. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH. V. 13; n. 25/26; set. 1992/ago. 1993.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, Marta Maria de Carvalho. *Reformas da instrução pública*. In: *500 anos de educação no Brasil*. LOPES, Eliane Marta Teixeira, VEIGA, Luciano Mendes e GREIVE, Cynthia. (Org). Belo Horizonte, MG. 2ª Edição. Ed. Autentica, 2000.

CASTRO, Josué de. *Biologia Social*. São Paulo, SP. Urupês, 1959.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CORNELL, Joseph. *Vivências com a natureza. Guia de atividades para pais e educadores*. SP. Ed. Aquariana, 2005.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª edição. Bauru, SP. EDUSC, 2002.

DAUSTER, Tânia. *Um saber de fronteira – entre a Antropologia e a Educação*. In: 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Anais, Caxambu, 2003.

DAUSTER, Tânia; TOSTA, Sandra Pereira e ROCHA, Gilmar (orgs.). *Etnografia e Educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FORQUIN, Jean Claude. *Escola & Cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre. Artes médicas, 1993.

FORQUIN, Jean Claude. *O currículo entre o relativismo e o universalismo*. In: Educação & Sociedade. Revista de ciência da educação. Ano XXI – Dezembro de 2000 – número 73.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP. Editora Paz e terra, 1996.

GABRIEL, Carmen Tereza. *Um objeto de ensino chamado História. A disciplina de História nas tramas da didatização*. Tese de Doutorado. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro: 2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo, SP. Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

GONDRA, José, e SCHUELER, Alessandra. *Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: O caso de Uchoa Cavalcanti*.

In: Educação e Pesquisa, vol.34, nº 3, setembro-dezembro, 2008. USP. São Paulo, SP. Brasil

HOBSBAWN, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo, SP. Editora Cortez, 2001.

_____. *Didática*. São Paulo, SP. Editora Cortez, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria. GASPARELLO, Arlette Medeiros e MAGALHÃES, Marcelo Souza. (org.). *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, Ed. MAUAD, Faperj. 2007.

Parâmetro Curricular Nacional. Disponível em: www.mec.org.br
PCN: apresentação dos temas transversais ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARAÌSO, Marlucy Alves. *Currículo e diferença*. In: PARAÌSO. M. A. (org.) *Pesquisas sobre Currículos e Culturas. Temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

ROSA, Maira Virginia de Figueiredo Pereira do Couto & ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa. Mecanismos para validação de resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SALLES, Ricardo. *E o Vale era escravo. Vassouras, séc. XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TELLES, Marcelo de Queiroz, ROCHA, Mário Borges, PEDROSO, Mylene Lyra e MACHADO, Silvia Maria de Campos. *Vivências Integradas com o Meio Ambiente*. São Paulo, SP. Sá Editora, 2002.

TRILLA, Jaume e GHANEM, Elie. *Educação formal e não formal: pontos e contrapontos*. In. ARANTES, Valéria Amorim (Org.). São Paulo, SP. Summus, 2008. (Coleção pontos e contrapontos)

Anexos

ANEXO 1- Roteiro de entrevista nº 1. Os sujeitos educativos da PFPA – para os profissionais que realizam as visitas pedagógicas guiadas e os saraus históricos.

I - Introdução Formação, experiências profissionais.

I.I – Descreva a sua formação acadêmica escolar, os estudos universitários no nível de graduação e Pós-Graduação.

I.II - Já foi professor de História? Caso positivo, quando começou a ser professor de História? Em que escola trabalhou? Em qual série?

I.III – Atualmente, trabalha em alguma escola? Caso positivo, qual e há quanto tempo? Em que séries? Há quanto tempo trabalha na escola XXX? Atualmente, em quais série(s)? Que conteúdos são desenvolvidos?

II - Início do projeto pedagógico da Ponte Alta.

II.I - Quando e como surgiu a oportunidade de trabalhar na PA?

II.II – O que lhe motivou para realizar este trabalho?

II.III – Como foi o processo de consolidação da ideia de fazer da Fazenda PA, um local para o estudo de história do Brasil.

II.IV – Como você planeja a visita? Quais são seus principais componentes? O que considera mais importante?

II.V - Neste período em que vem realizando as visitas, o roteiro/projeto inicial se manteve o mesmo? Houve modificações? Caso positivo, quais? Por quê? A fazenda tem oferecido nos últimos anos novas experiências? Caso positivo, quais? Com que intencionalidade?

III - A visita guiada – Principais características e objetivos pedagógicos.

III.I – Sobre o processo de construção do roteiro: Como foi montado? Houve algum tipo de assessoria? De que tipo de profissionais? Com que objetivo?

III.II – Existe algum planejamento específico para faixas etárias diferentes? Algum preparo especial para diferentes “tipos” de públicos? Caso positivo, quais são principais focos/ênfases desta “adaptação”?

III.III – Quais são os conteúdos que considera que são mais aprofundados na “visitação guiada”?

III.IV – Que atividades e dinâmicas oferecidas pela fazenda você considera que despertam maior interesse?

III.V – E as que podem ser consideradas as mais “eficientes”, as que mais produzem conquistas no processo de construção do conhecimento por parte dos alunos e alunas? Por quê?

III.VI- Quais são os objetivos pedagógicos centrais presentes no roteiro?

III.VII - Em sua opinião, qual é o grande diferencial pedagógico desta fazenda em relação ao roteiro desenvolvido pelas outras fazendas cafeeiras?

III.VIII – E em relação à proposta pedagógica?

III.IX – Qual é a experiência/dinâmica com maior retorno dos visitantes?

IV - Relação entre a experiência pedagógica "não formal" e os conteúdos das grades curriculares escolares.

IV.I – Existe alguma relação entre a visita e outras matérias do currículo escolar além da História? Caso positivo, quais são estas relações?

IV.II – Qual a relevância da História Oral durante as pesquisas sobre os hábitos, costumes, vocabulário, comidas, histórias pessoais para a construção do roteiro histórico e o sarau?

IV.III – De que maneira a visita colabora para o desenvolvimento do currículo escolar?

IV.IV – Como é prevista a preparação anterior à visita? E a exploração posterior? O que você considera mais importante?

V - Considerações finais.

V.I – Você observa diferentes reações, formas de compreensão, entre os diferentes alunos que participam da visita na fazenda? Entre alunos de escolas públicas e privadas? Entre meninos e meninas? Entre brancos e negros? Caso positivo, em que sentido?

V.II – Em que medida a visita pedagógica contribui para o desenvolvimento da cidadania? Promove crescimento cultural dos alunos? Como? Em que sentido?

V.III - Gostaria de acrescentar alguma coisa, dar sugestões que possam aprofundar o sentido da visita a fazenda Ponte Alta?

ANEXO 2 - Roteiro de entrevista nº 2. Para os professores e coordenadores das escolas da cidade do Rio de Janeiro.

I - Introdução: Formação acadêmica, experiências profissionais e pesquisa.

I.I – Descreva em linhas gerais sua formação acadêmica no nível da graduação e Pós-graduação. O que considera que foi mais relevante e significativo para sua formação? O que lhe interessou mais?

I.II – Desde quando você é professor/coordenador? Que matérias têm ensinado? Em que séries? Em escolas públicas/particulares? Qual a experiência mais gratificante para você?

I.III - Quais são as principais crenças/convicções/apostas em relação ao ensino de História?

II - A visita escolar guiada nos “espaços não formais de educação” – Principais características e objetivos pedagógicos.

II.I – O que lhe motiva promover a visita a fazenda..? Desde quando você realiza a visitação? Sempre foi na mesma fazenda? Caso tenha, porque o fez?

II.II – Qual a faixa etária mais frequente entre os estudantes desta escola que visitam o local? Acredita que as atividades promovidas são mais adequadas e eficientes para determinado segmento de ensino, para alguma faixa etária em especial? Por quê?

II.III - Do seu ponto de vista, como os alunos/as se situam em relação as visitas? Manifestam interesse? Gostam ou não gostam? O que lhes chama mais atenção?

II.IV – Quais são as aprendizagens que você considera mais relevantes para os alunos?

II.V - Em termos pedagógicos/didáticos, quais as atividades e dinâmicas oferecidas pela fazenda que podem ser consideradas as mais “relevantes e eficientes”, as que mais provocam a construção do conhecimento por parte dos alunos? Por quê?

II.VI - Em sua opinião, qual é o grande diferencial pedagógico da visita pedagógica oferecida pela fazenda Ponte Alta?

II.VII – Que perspectiva historiográfica você acha que fundamenta a proposta educativa da fazenda?

II.VIII – Qual é a experiência/dinâmica com maior retorno por parte dos alunos?

III- Relação entre a experiência pedagógica "não formal" com os conteúdos das grades curriculares escolares

III.I - A visita pedagógica na fazenda pode facilitar o estudo da História? Em que sentido?

III.II- E a perspectiva interdisciplinar, pode mobilizar? Em que sentido? Como também análises interdisciplinares dentro de sala de aula?

III.III – Existe interesse/desinteresse de professores de outras disciplinas em relação a visita? A que você atribui o interesse/desinteresse? Caso exista interesse, como esta cooperação poderia ser desenvolvida? Caso haja desinteresse, a que pode ser atribuído?

III.IV – Como você prepara os alunos para as visitas? E depois, são exploradas em sala de aula? Como?

III.V – Como os alunos reagem quando as visitas interagem com as cenas vivas?

IV - Considerações finais.

IV.I – Você acha que existe relação entre a visita pedagógica e desenvolvimento da cidadania? Em que sentido? E entre a visita e o crescimento cultural dos alunos? O que você destacaria?

IV.II – O que você considera que é o mais relevante da visita para o ensino de História?

IV.III – Quais são os limites da visita? O que você acha que a fazenda poderia mudar ou oferecer diferentemente durante a visita guiada?

IV.IV – Gostaria de uma avaliação final de sua opinião sobre o trabalho realizado na fazenda Ponte Alta – pontos positivos e negativos.

IV.V – Gostaria de acrescentar algo que considera relevante em relação ao papel pedagógico das visitas?

ANEXO 3 – Mapas e folders temáticos – PFFA, o Vale do Paraíba e o circuito do café.

Figura I – Como chegar à Pousada fazenda Ponte Alta

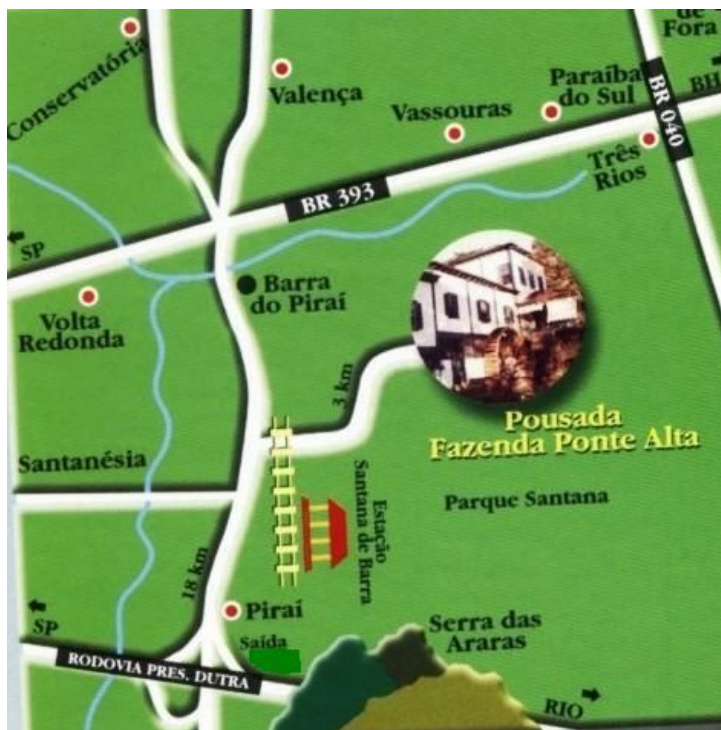


Figura II – Mapa temático da PFFA utilizado nas dinâmicas, nos jogos interdisciplinares e nas atividades educativas externas pelos alunos

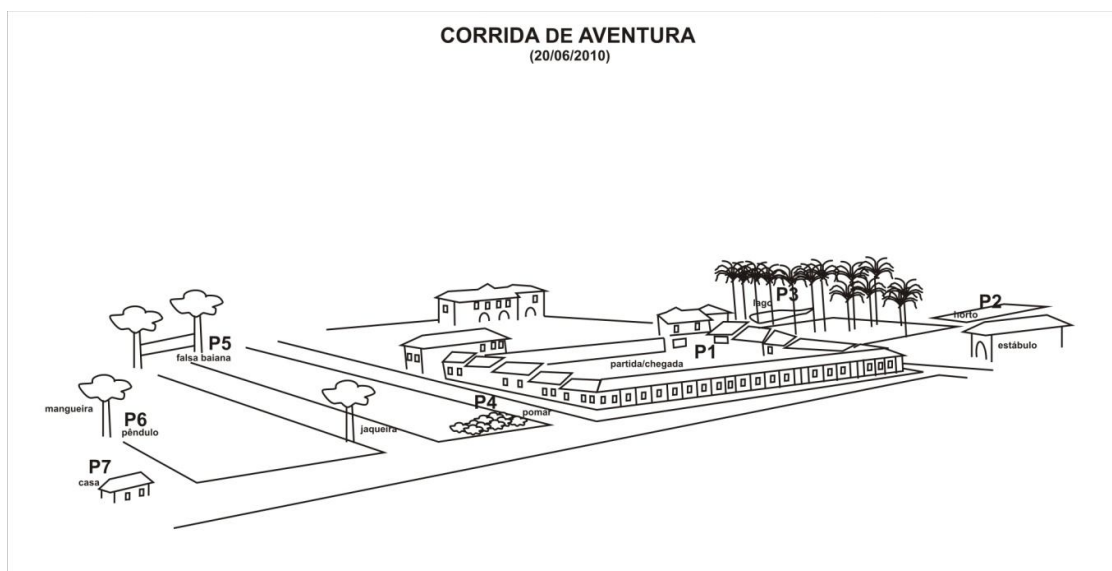


Figura III – Mapa do Vale do Paraíba, constando a cidade de Barra do Piraí onde se localiza a PFPA – relevo, rodovias e rios.

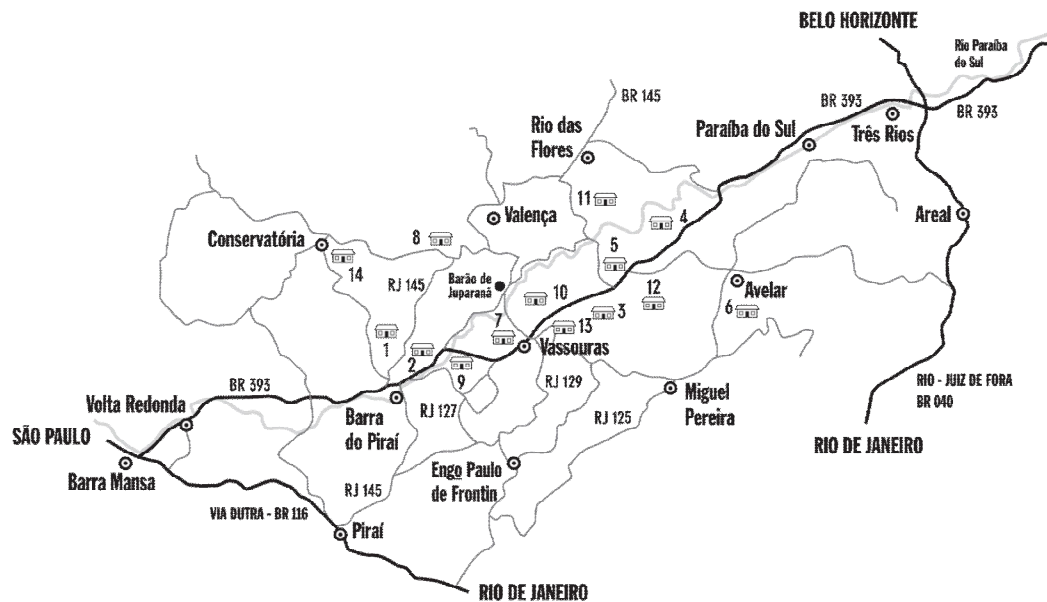


Figura IV – Mapa temático do Vale do Paraíba e as principais cidades com fazendas cafeeiras, oriundo do site vale do café.

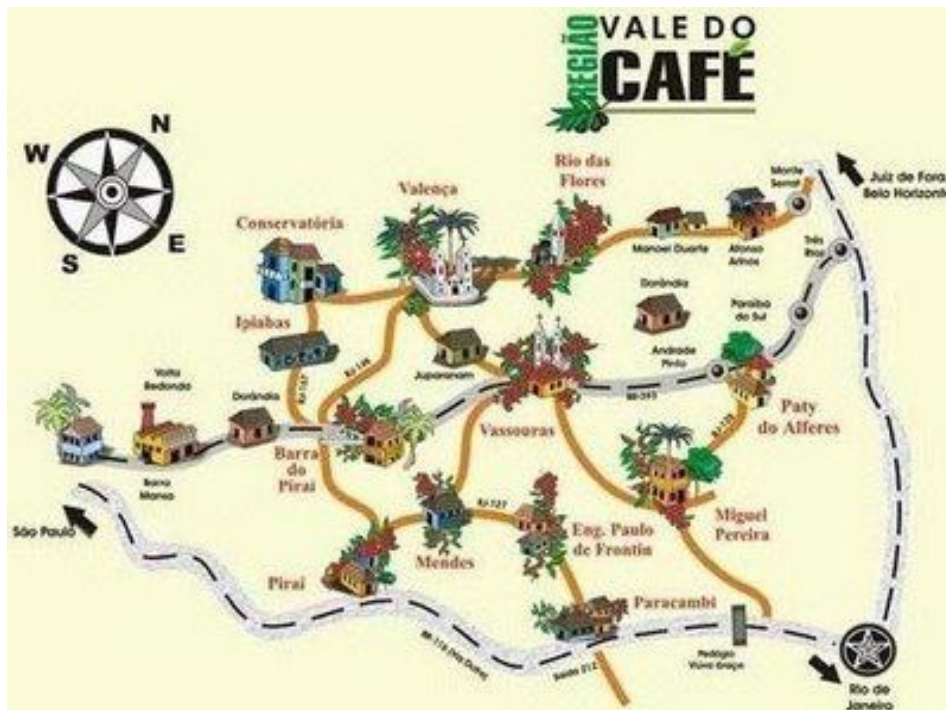


Figura V – Localização geográfica das principais fazendas de café abertas à visitação pública, retirado do site do Instituto Preservale.

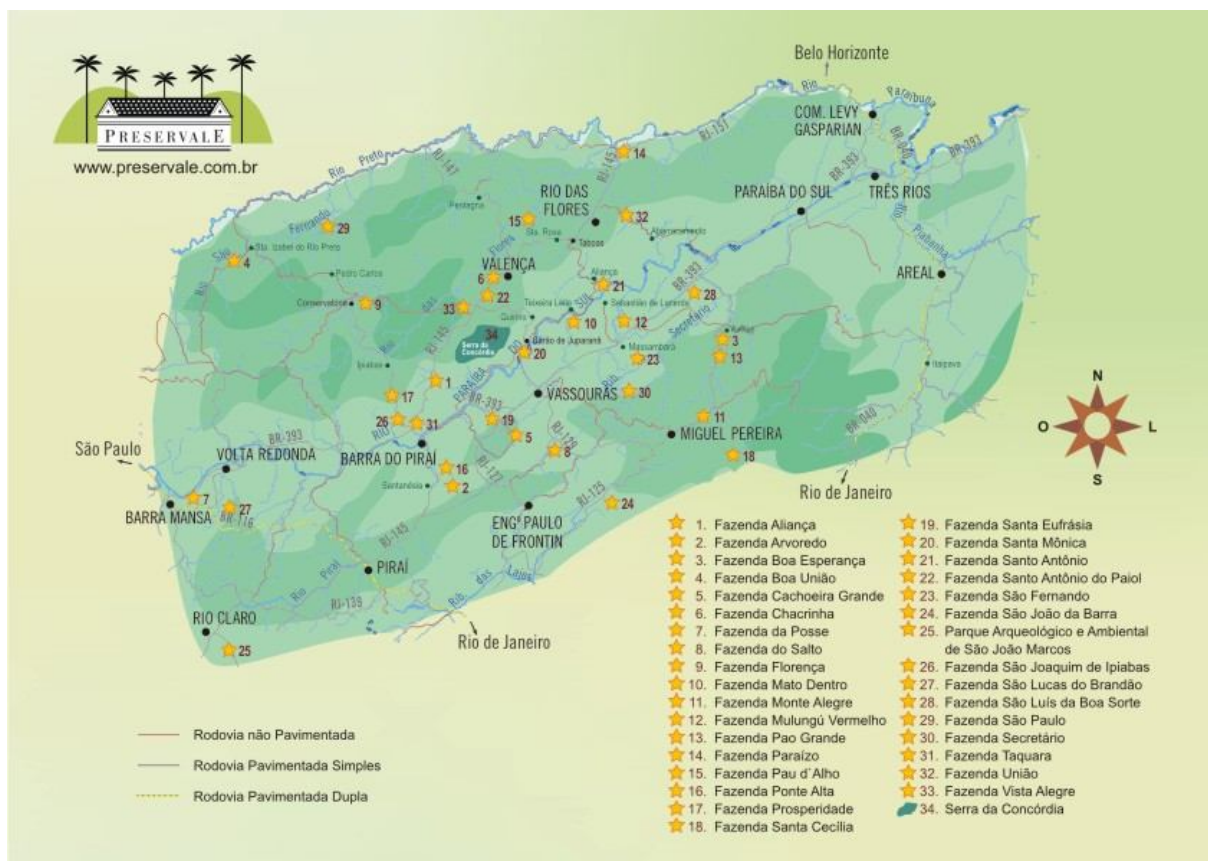


Figura VI – Mapa temático presente no site do vale do café.
Principais fazendas cafeeiras.



Figura VII– Folders de divulgação do vale e do circuito do café



ANEXO 4 – Tarifário e preços da PFPA – dados cedidos pela fazenda. Nossos valores para Turismo Pedagógico 2013.

TAB - 1 (1º ao 9º ano) – Fundamental

Programa	Valor
Lanche	R\$41,00
Almoço	R\$52,00
Lanche e almoço	R\$57,00
Lanche, almoço e lanche	R\$62,00
Pernoite	R\$150,00

TAB - 2 (1º ao 3º ano) – Médio

Programa	Valor
Lanche	R\$46,00
Almoço	R\$54,00
Lanche e almoço	R\$59,00
Lanche, almoço e lanche	R\$68,00
Pernoite	R\$155,00

TAB - 3 Universitário

Programa	Valor
Lanche	R\$46,00
Almoço	R\$59,00
Lanche e almoço	R\$64,00
Lanche, almoço e lanche	R\$72,00
Pernoite	R\$160,00

- ❖ Para agendamento deverá haver o mínimo de 35 alunos.
- ❖ Cortesias para 4 professores, o guia e o motorista.

Refeições: Buffett Self Service.

➔ As refeições serão anunciadas com o toque do sino. Exceto o café da manhã.

ANEXO 5 – LISTA DOS QUARTOS, DORMITÓRIOS E ACOMODAÇÕES.**DISPOSIÇÃO DOS LEITOS DO ENGENHO E SENZALA:****SENZALA**

APARTAMENTO Nº 1: 3 camas, com possibilidade de acrescentar mais 16 camas. Total = 19

APARTAMENTO N.º 2: 2 camas, com possibilidade de acrescentar mais 3 camas. Total = 5

APARTAMENTO N.º 3: 2 camas com possibilidade de acrescentar mais 5 camas. Total = 7

APARTAMENTO N.º 4: 2 camas com possibilidade de acrescentar mais 6 camas. Total = 8

ENGENHO

APARTAMENTO DUPLO: 101: 3 camas com capacidade de mais 5 camas. Total = 8 (Sendo 3 na sala).

APARTAMENTO 202 : 3 camas.

APARTAMENTO 301: 2 camas , com possibilidade de mais 2 camas. Total = 4

APARTAMENTO 302: 2 camas.

TOTAL = 56 LEITOS

OBS: CADA APARTAMENTO POSSUI UM BANHEIRO

Os aptos poderão ser montados de acordo com a capacidade de acomodação e solicitação do cliente.

Disposição dos Leitos da Casa Grande e Enfermaria.

Casa Grande 1.

Apartamento localizado no térreo da Casa Grande com 4 leitos.
Banheiro Privativo

Casa Grande 2.

5 apartamentos localizados no andar superior podendo acomodar 21 leitos.
Apenas 1 banheiro neste andar.

Enfermaria 303.

Apartamento sem banheiro privativo, onde terá que ser utilizado juntamente com outro apartamento. 3 leitos

Enfermaria 304.

Apartamento com banheiro privativo. 4 leitos

Enfermaria 305.

Apartamento conjugado (2 quartos e 1 banheiro). 7 leitos

Enfermaria (Salão)

3 Salões podendo acomodar 40 leitos.

Obs.: Os salões não possuem banheiros. Para utilização destes salões, serão necessários utilizarem os banheiros localizados na Enfermaria 304 e Enfermaria 305.

Anexo 6 – A fazenda Ponte Alta – Imagens gerais. Foi elaborado um cd com grande número de fotos da PFPA e das práticas educativas que será entregue a todos os professores da banca



Imagem de parte do quadrilátero funcional interno à esquerda, à direita a lateral da tulha e a roda d'água secundária, menor do que a principal.



O barão de Mambucaba, a baronesa, a sinhá (filha do aristocrático casal) e a mucama Rosa, os responsáveis pelo *Sarau Imperial*.

ANEXO 7 – IMAGENS E LISTA DOS OBJETOS E ITENS PRESENTES NA TULHA

a) 22 reproduções de quadros originais de Jean Baptiste Debret sobre os hábitos sociais brasileiros no século XIX, a escravidão e as famílias na capital do Império.

- b) Livro original escrito por Debret – *Voyage Pittoresque et Historique au Bresil*.
- c) Objetos da época de uso pessoal dos indivíduos que viveram na PFPA, como balagandã de escrava, apanhador de água do barão, escarradeira, confessionário, as donzelas (proteção de vidro para velas), relógio, taças, talheres, louças e prataria.
- d) Itens de cozinha como açucareiro, pote de café, saleiros e outros, todos possuindo referencias próprias escritos no português da época.



Na tulha começa a visita guiada. À esquerda a Baronesa apresenta antigos objetos de uso cotidiano e à direita a roda interna que ativava os grandes pilões e assim se moía o café.



Objetos históricos originais da PFPA; à esquerda, armário com peças diversas e à direita utensílio de cozinha – açucareiro – com grafia da época.

ANEXO 8 - IMAGENS E LISTA DOS OBJETOS PRESENTES NO MUSEU DOS ESCRAVOS.

LISTAGEM DOS OBJETOS E ITENS PRESENTES NO MUSEU DOS ESCRAVOS, TODAS AS PEÇAS SÃO ORIGINAIS DA PRÓPRIA PFPA.

I – TRONCO.

II – SINO.

III – INSTRUMENTOS DE CASTIGO PARA OS ESCRAVOS; TORNOSSELEIRA E O VIRA MUNDO.

IV – BALANÇAS E PESOS PARA PESAGEM DO CAFÉ.

V – ESTEIRAS – CAMAS DOS ESCRAVOS.

VI – ARADO MANUAL DO SÉCULO XIX.

VII – MARCAS DOS DEDOS DOS ESCRAVOS NAS PAREDES DE TAIPA (PAU A PIQUE).

VIII – CORRENTES.

IX – MASCARAS DE MADEIRA DO SÉC. XIX.

X – UTENSÍLIOS DE COZINHA; FOGAREIRO, CHALEIRA, CALDEIRÃO, PANELAS.

XI – NOTAS DE COMPRA E VENDA DE ESCRAVOS DA FAZENDA.

XII – IMAGENS DE ESCRAVOS, DOS TRABALHOS REALIZADOS, CAFEZAIS E ETC.

XIII – IMAGENS RELIGIOSAS DE CULTOS AFRICANOS.

XIV – MÁQUINA DE COSTURA.

XV – BERÇO PARA BEBES DA ÉPOCA.

XVI – GAMELA.

XVII – PILÃO.

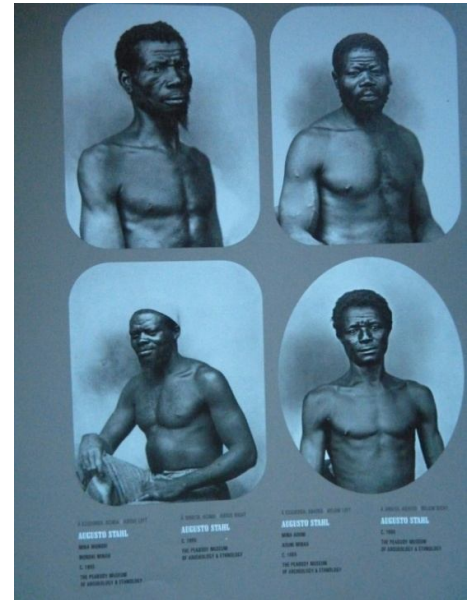
XVIII – MÁQUINA DE MOER CAFÉ.

XIX – PENEIRAS UTILIZADAS NA COLHEITA DO CAFÉ.

XX – CÓPIA DA LEI ÁUREA.

XXI – DOCUMENTOS E MATÉRIAS DE JORNAIS SOBRE A PFPA E A ESCRAVIDÃO.

IMAGENS DE ITENS PRESENTES NO MUSEU DOS ESCRAVOS



Fotos sobre a escravidão; à esquerda aristocrata cafeicultor com alguns de seus cativos e à direita, caracterização de diferentes etnias africanas.



Tronco de suplicio dos escravos original da PFPA à esquerda ao lado artigos para fazer o “cafezinho” 1 séc. XIX, como pilão, descascador e outros.



À esquerda, antigo arado utilizado na fazenda e
à direita um documento local relativo à compra de um escravo.



A baronesa conduzindo debates e reflexões
sobre a escravidão com alunos do CAP UERJ
no Museu dos escravos em 2010.

ANEXO 9 – FOTOS E IMAGENS DA ATIVIDADE DO JONGO



Integrantes do grupo de Jongo confraternizam antes da dinâmica. Em sua grande maioria, descendentes de escravos e alforriados da região.



Alunos do colégio SION participam da dinâmica do jongo, a princípio tímidos, depois o grupo se solta e participa das danças e dos cantos.

ANEXO 10 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO SARAU IMPERIAL E VESTUÁRIO À MODA DA ARISTOCRACIA CAFEEIRA.



À esquerda cena do *Sarau Imperial* com o Barão, a Baronesa, as sinhás e a mucama Rosa, à direita a baronesa conversa e debate sobre a história da fazenda com grupo do colégio SION em 2012. Todos os alunos vestidos à caráter com modelos aristocráticos.



Grupo do SION em 2012 posando em elegantes e aristocráticos “modelitos”.

ANEXO 11 – ROTEIRO DE VISITA À FAZENDA PONTE ALTA FORNECIDO PELA COORDENAÇÃO DE ESCOLA DA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO

Para que possamos melhor observar a região que vamos visitar e também recolher material para o trabalho a ser posteriormente realizado, aqui vão algumas sugestões:

1- Observando a região.

- identifique a região do Estado do Rio de Janeiro onde se localiza a fazenda.
- em que época se deu e como ocorreu a ocupação dessa região?
- caracterização da produção da região na época de sua ocupação.
- características atuais da região – ainda são mantidas as mesmas características econômicas e ecológicas da época do povoamento?

2 - Sobre a Fazenda Ponte Nova.

- época da fundação
- quem eram os proprietários?
- que espaços ainda são mantidos que caracterizam a fazenda como uma área produtora de café?
- a fazenda é tombada?
- de que maneira ela é hoje utilizada?
- que recursos são empregados em sua manutenção?

3 – Sobre a produção cafeeira

- quais as principais técnicas de produção?
- quais os reflexos dessas técnicas no meio-ambiente e na própria produção?
- qual a mão de obra empregada na produção?
- que espaços ainda guardam as evidências desse tipo de mão de obra?
- como era realizado o transporte e a comercialização do produto?

4 – Sobre o sarau e a sociedade cafeeira

- qual a importância social do sarau durante o tempo do Império?
- quais os gêneros musicais e tipos de danças da época?
- através do sarau pudemos identificar como eram as relações sociais e familiares na época do Império. Compare-as com as relações dos dias atuais.
- identifique as influências culturais deixadas na sociedade brasileira do período pelo grupo étnico que atuava como mão de obra.

ANEXO 12 - PROJETO 2011: ÁFRICA “TE DEIXO E TE LEVO COMIGO” - 9º ANO

Material cedido pela mesma escola que forneceu o anexo anterior.

Atividade.

Orientações: organização de grupos de 4 alunos que deverão, a partir de observações feitas na visita à fazenda Ponte Alta realizar a seguinte atividade.

Material Necessário: roteiro de observação da fazenda, anotações pessoais, geoatlas, lápis, caneta, material de desenho (lápis de cor, régua, borracha, etc...)

REVISITANDO PONTE ALTA

Em 1830, após receber sesmarias do governo imperial que doava terras a quem tivesse recursos para ocupá-las produtivamente, o futuro Barão de Mambucaba, vindo de Angra dos Reis e acompanhado por um lote de escravos, sobe a Serra do Mar e alcança o Vale do Paraíba onde edificará a Fazenda Ponte Alta.

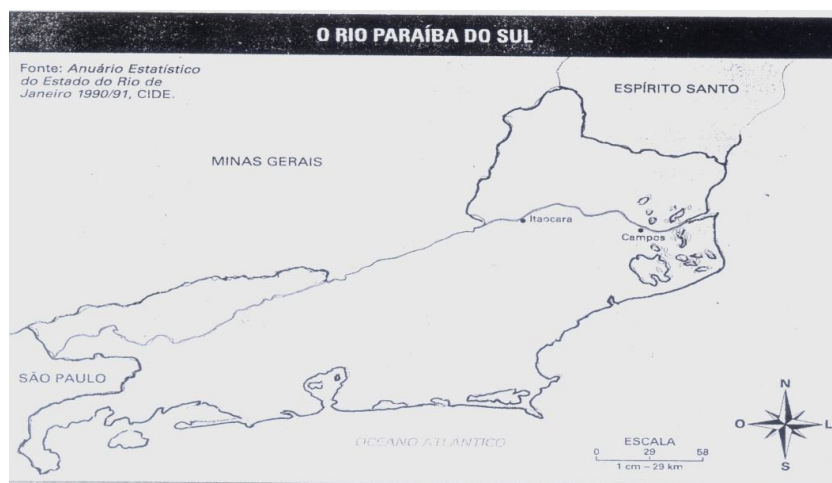
Durante quase todo o Segundo Reinado (1840-1889), o Vale do Paraíba e suas fazendas de produção de café foram a vida do Império.

Os grandes fazendeiros da região – os Barões do Café – eram os homens fortes do Império. Ocupando postos nos ministérios e na Assembleia, controlando os partidos políticos, governavam o país e garantiam a manutenção de uma ordem socioeconômica agroexportadora, escravista e patriarcal.

A utilização da mão de obra escrava negra permitiu também que se desenvolvessem nessa sociedade inúmeros traços culturais das várias etnias africanas que aqui viveram. Esses traços culturais foram se misturando à cultura de brancos e índios e se tornaram parte integrante da cultura brasileira. Visitar Ponte Nova e também, em parte, fazer uma visita à África.

1– O Vale e suas fazendas

1.1 Localize no mapa abaixo a área de produção cafeeira do Vale do Paraíba do Sul. Marque também as principais cidades que surgiram na região em função dessa atividade econômica.



1.2. A Fazenda Ponte Alta mantém intacta o seu “quadrilátero funcional”, área em torno da qual se desenvolvia a produção cafeeira. Baseando-se nos seus registros e anotações, faça um esquema ou desenho desse quadrilátero, identificando seus principais setores e as atividades que ali se realizavam.

1.3. Segundo informações do Barão de Mambucaba, as varandas construídas nas portas das senzalas e o prédio mais alto do quadrilátero só foram construídos após 1850. Que fato determinou essas construções? Para que elas serviam?

2– A Produção Cafeeira e o Meio Ambiente

Leia com atenção os encartes abaixo.

Diálogos

"Durante o tempo das queimadas, que se inicia em agosto e termina em setembro, o céu se cobre de espessa fumaça através da qual o sol se apresenta como um disco vermelho-escuro. Então a aragem desaparece e o calor se torna abrasador nos campos." (De W. L. von Eschwege, por volta de 1820.)



O café e a mata Atlântica

*E*ra precisamente este o perigo para a mata Atlântica: acreditava-se que o café tinha que ser plantado em solo coberto por floresta "virgem". O capital e o trabalho eram escassos demais para serem gastos no plantio em solos menos férteis. O café é uma planta perene — leva quatro anos para atingir a maturidade e pode permanecer produtiva por trinta anos. Podia-se imaginar que, uma vez implantado, representaria um regime agrícola de perspectivas estáveis e permanentes. Mas não era assim.

Nas plantações do Rio de Janeiro, os terrenos de cultivo mais antigo não eram replantados, mas abandonados. Novas faixas de florestas eram então limpas para manter a produção. O café avançou, portanto, pelas terras altas, de geração para geração, nada deixando em seu rastro além de montanhas desnudadas.

(Adaptado de Warren Dean. *A ferro e fogo, a história e a devastação da mata Atlântica brasileira*. p. 195-96.)

Ao descrever como eram plantadas as mudas de café nos morros que circundavam a fazenda, o Barão de Mambucaba nos informou que os pés de café eram plantados em fileiras e não em curva de nível como se faz atualmente.

Isso era feito para que os proprietários pudessem observar o trabalho de seus escravos das fazendas da casa grande.

2.1. A partir das informações dos encartes acima defina:

2.1.1. As principais técnicas de produção utilizadas no século XIX no Vale do Paraíba.

2.1.2. Identifique os principais impactos ambientais da atividade. Ainda hoje persistem esses impactos? Justifique.

2.1.3. Quais as consequências desses impactos ambientais para a própria produção cafeeira?

2.1.4. Antes da instalação da fazenda, qual era o tipo de vegetação predominante? Como você avalia a situação ambiental da fazenda nos dias de hoje?

3 – Transporte e comercialização

Após a produção, o café era embalado em sacas de uma arroba e trazido para as áreas portuárias de onde era exportado para os países compradores.

3.1. De que maneira o café era inicialmente transportado para as áreas portuárias? Explique a frase “o café descia pelas trilhas do ouro”.

3.1. A partir de 1864 surgiu uma nova opção de transporte para o café. Qual era essa nova opção? A que outro aspecto da economia do segundo reinado ela se relacionava?

4. Cotidiano e Vida Privada no Império Brasileiro

O sarau foi, sem dúvida, um dos pontos altos da visita. Personagens da época, vestidos a caráter, nos mostraram um pouco dos hábitos e comportamentos sociais daquela época. Descreva alguns desses costumes, comparando-os com os atuais.

5. Herança Cultural e Cidadania

Ao terminar sua fala durante o sarau, a Baronesa de Mambucaba disse que a Fazenda Ponte Alta “é herança nacional e que manter suas portas abertas é uma questão de cidadania”.

5.1. Como você interpreta as palavras da Baronesa?

5.2. Através do Projeto **Preservale**, os atuais proprietários da região vêm tentando preservar o patrimônio histórico que essas fazendas representam. Que atividade econômica esse projeto vem ajudando a manter na região? Através de que atividades a Fazenda garante sua manutenção nos dias atuais?
